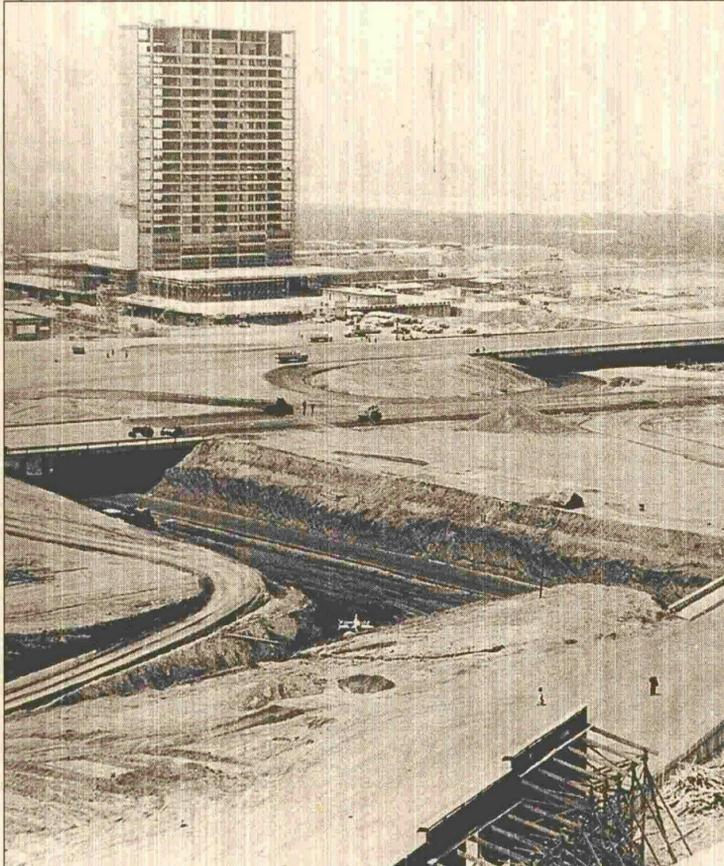
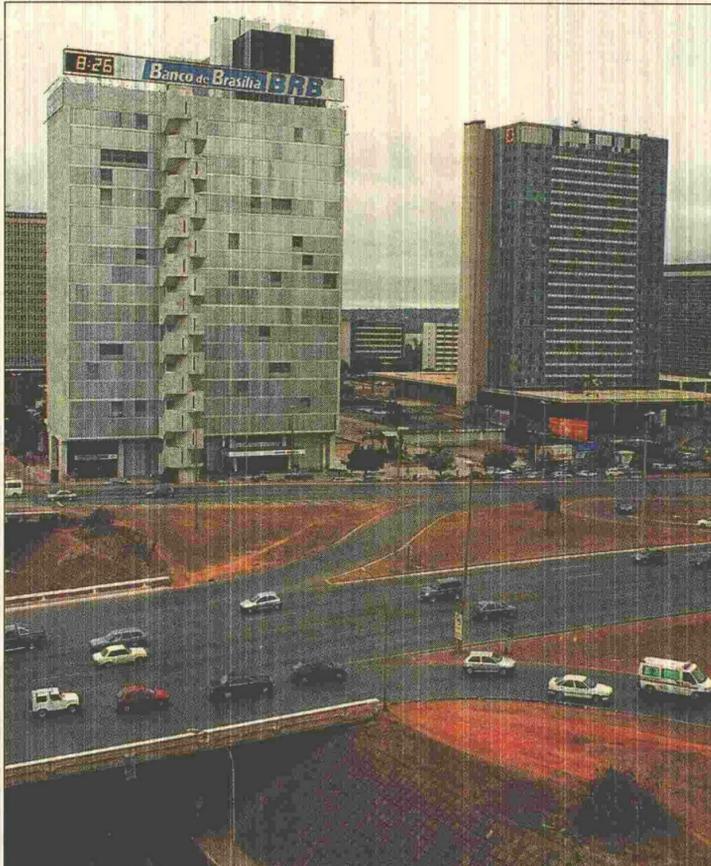


Arquivo Público do Distrito Federal/Reprodução Luiz Borges



Victor Magalhães

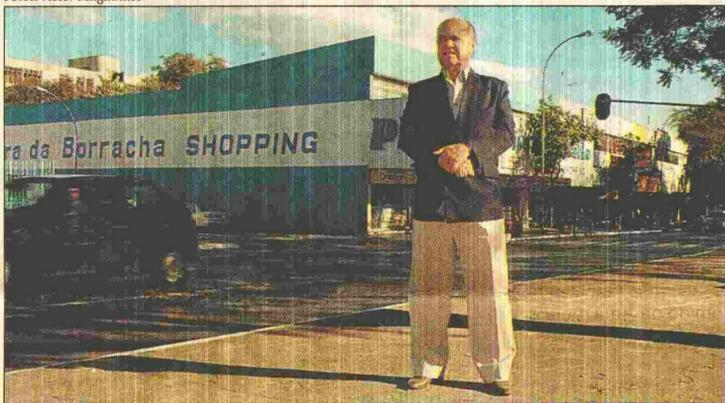


O Setor Bancário Sul durante o início de sua construção (o prédio em obras é o do edifício-sede do Banco do Brasil) e hoje: da poeira brotou uma cidade

# No começo, tudo era barro

Candangos relembram a aventura de colocar em prática a idéia que possibilitou levar o desenvolvimento para o interior do Brasil

Fotos: Victor Magalhães



O pioneiro Hely Walter Couto na W3, que ele quer ajudar a revitalizar

Márcia Vitória

Quando sonhavam com um país novo, independente e próspero, os inconfidentes imaginaram uma capital no interior do país. O sonho perdurou durante dois séculos. Era preciso ligar as regiões do Brasil, expandir o desenvolvimento do litoral para o interior, vincular o sertão ao Sul.

A idéia cresceu lentamente, até Juscelino Kubitschek tomar para si essa aspiração, que já constava das Constituições de 1891, 1934 e 1946. Um ano depois de eleito presidente da República, projeto de lei aprovado pelo Congresso fixou a data da inauguração da nova capital: 21 de abril de 1960.

## MISSÃO QUASE IMPOSSÍVEL

A missão era construir uma cidade. Que deveria ter ruas e avenidas, residências, parques e jardins, pontes e viadutos, barragens, serviço de água, redes de esgoto e de águas pluviais, luz elétrica, hospitais, escolas, universidade, restaurantes, hotéis e bancos. E como não seria uma cidade qualquer, mas a capital do país, teriam de ser erguidos edifícios e palácios... longe de tudo! E não havia estradas. Só um caminho de terra, que na época das chuvas tornava-se intransitável. O asfalto, o ferro, as esquadrias, a louça... tudo vinha de fora. Gente também não havia. Todos vieram de lugares distantes, atraídos pela possibilidade de melhorar de vida: nordestinos, mineiros, gaúchos, goianos...

Gente como Hely Walter Couto, nascido em Carmo do Paranaíba (MG) e criado numa cidadezinha do interior de Minas chamada São Gotardo. Alfaiate, Hely prosperou na profissão em Belo Horizonte. Foi nomeado alfaiate oficial do Banco Financeiro e chegou a fazer roupas para Hilda Furacão, uma das amantes do dono do banco, na pequena pensão da Rua São Paulo, onde morou. Já era casado, com dois apartamentos quitados na capital mineira, quando recebeu uma carta de um amigo, Vicente de Paulo Araújo, falando das boas novas do Planalto Central. "Aqui é possível ganhar em sete meses o equivalente a cinco anos de trabalho em Belo Horizonte", disse Vicente, dono da tradicional Elétrica Araújo.

O alfaiate aceitou de pronto o convite do amigo para uma visita. "Quando desci do avião, minha primeira impressão foi a pior possível. Estava deixando a capital de Minas e chegando num lugar cheio de barracos de madeira, camelôs nas ruas, esgoto a céu aberto e muita poeira", recorda-se ele.

Bastaram um dia e uma noite para o jovem Hely se deixar contagiar pelo clima de entusiasmo reinante. "Havia uma vontade comum de ver Brasília consolidada, de prosperar junto com a cidade. Resolvi aderir", lembra. Ele verificou que a cidade já tinha lojas de material de construção e uma ótima elétrica, mas nenhuma casa de artigos de borracha. Assim nasceu a Pioneira da Borracha, na Avenida Central da Cidade Livre (atual Núcleo Bandeirante), em 30 de

março de 1959. O barraco de madeira vendia de tudo um pouco: manguieiras, correia industrial, luvas, botas e capas de borracha. Afinal, nos períodos de chuva, até as poucas moças da cidade usavam botas para caminhar no meio de tanto barro e lama.

Faltando dois meses para a inauguração de Brasília, Hélio Moreira, então chefe de compras da Novacap, passou pela loja de Hely Walter Couto e, impressionado com a disposição daquele jovem, perguntou: "Você vende travesseiro? Vou precisar de mil para a festa de inauguração", disse.

A encomenda estava feita, mas na prateleira só havia seis peças de travesseiros de látex fabricados pela Pirelli. Hely tomou um avião para São Paulo e foi bater na porta do presidente da Pirelli no Brasil. Foram três horas de reunião. O italiano não acreditava que Hely pudesse arcar com as despesas de uma compra tão grande. Alegou que a fábrica não tinha como produzir os travesseiros em tempo hábil. Até porque, como bom comerciante, Hely resolveu dizer que precisava de 2 mil peças, o dobro do que tinha sido encomendado. "Se o senhor não me entregar os travesseiros", ameaçou Hely, "vou bater de porta em porta nas casas de São Paulo, mas vou entregar a mercadoria encomendada". Não foi preciso chegar a tanto. Conseguiu dobrar o chefe da Pirelli.

De volta a Brasília, preocupado em vender os mil travesseiros a mais que encomendara por sua conta e risco, Hely recebeu a visita do chefe de compras da Novacap. "Vou precisar de mais 2 mil travesseiros." Bom demais para ser verdade. As mil peças restantes estavam com a venda ga-

rantida. Foi a grande arrancada comercial da vida de Hely. Ele pôde, enfim, trazer mulher e filhos para a Cidade Livre. "Vimos nascer todas as entrequadradas da cidade", conta. "Nossa maior alegria era quando JK visitava a cidade e parava para abraçar um por um. Ele era um homem admirável."

Com o fim da Cidade Livre, Hely foi com a família para a W-3, onde mora até hoje. Acompanhou de perto os tempos de apogeu e glória da única avenida do Plano. Ponto de encontro da incipiente sociedade brasiliense, onde se instalaram restaurantes como o Roma, o Casebre 13 e o Mocambo, os melhores da época. Onde via surgir redemoinhos de poeira, que alcançavam até 200 metros de altura, batizados ironicamente de Lacerdinhas, uma brincadeira com Carlos Lacerda, o maior opositor de JK à época.

Dos tempos difíceis, quando tinha que esquentar água na lata para tomar banho, tem saudades. Mas sua luta agora é tornar o presente melhor e garantir um bom futuro para as novas gerações. Como? Contribuindo para entregar à cidade uma W-3 revigorada. Hely Walter Couto participa ativamente das discussões do projeto de revitalização da avenida. "Todas as grandes capitais têm belas avenidas. São Paulo tem a sua São João. O Rio tem a Avenida Rio Branco e Paris, a Champs Élysée. Por que não transformar a W-3 numa avenida à altura de nossa cidade, com praças, muita iluminação, fontes, restaurantes e palcos culturais?", sugere.

## NA CIDADE LIVRE

Tão logo assinou a lei que criava a Novacap, em setembro de 1956, Juscelino

desejou conhecer o lugar onde se levantaria a nova capital e marcou a viagem para 2 de outubro. Foi um corre-corre. Faltavam poucos dias e era preciso melhorar o improvisado campo de pouso que Bernardo Sayão, vice-governador de Goiás, tinha mandado abrir. O lugar escolhido foi a área onde mais tarde se estabelecerá a esplanada ferroviária. Dois tratores D-18 e cinco caminhões começaram o serviço. Um desses caminhões era de João Nevreden, austríaco que chegou no Brasil em 1922, junto com a companhia de circo Sarrazani.

Ele ajudou a encher de cascalho a pista de 2,7 mil metros de comprimento e 45 de largura onde em 2 de outubro, por volta do meio-dia, um avião da FAB pousou trazendo o presidente. "João passava vários dias fora trabalhando no campo de pouso", lembra Amália Maria de Ávila, 80 anos, sua viúva. Ao lado do marido, Amália foi uma das primeiras a habitar a cidade-dormitório feita de casas simples de madeira, que se espalhavam por quatro avenidas.

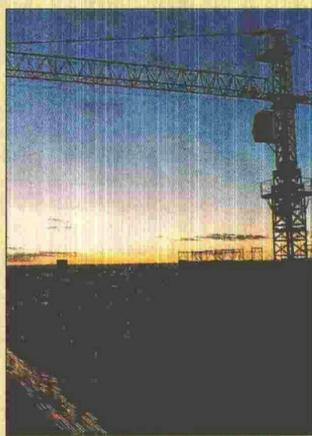
Ainda hoje, as ruas do Núcleo Bandeirante obedecem à mesma lógica, mas as construções em nada lembram as casas de madeira daqueles tempos. "Nossa primeira casa tinha apenas dois cômodos. Não havia luz, nem água. Banheiro, nem pensar. Tínhamos uma cama de casal e eu costumava passar as roupas com ferro de brasa. A comida era feita em latas de querosene sobre fogareiro de serragem. Apesar de todas essas dificuldades, era um tempo feliz. Eu era muito feliz", conta.

João Nevreden e Amália tiveram um dos primeiros mercados de frutas do Distrito Federal. Na Cidade Livre, Amália fez de tudo um pouco. Produziu até sabão e marmelada para vender.

Darcy Alves Bicalho, nascida em Goiânia em 1941, é outra ex-moradora da Cidade Livre. Chegou aos 18 anos para ser gerente de uma loja de tratores, a Sotema. Moça bonita e obstinada, enfrentou as dificuldades sem medo. Trabalhava sem parar, carregando peças, tomando conta de estoque, chefiando 12 funcionários. A loja ficava na Avenida Central da Cidade Livre, em meio a muita poeira. Nos fundos, ficava a oficina. "Tinha um matadouro por perto que tornava o cheiro da Cidade Livre horrível", lembra ela.

Enquanto trabalhava, Darcy via nascer um novo tempo. "Na Cidade Livre, tínhamos o básico." Quando precisava de roupa nova para as inesquecíveis festas da Vila Planalto, viajava para Goiânia. Nos fins de semana, deixava a oficina para fazer às vezes de manicure e pedicure das mulheres dos engenheiros. Como a poeira era demais e comprometia a saúde e a aparência dos cabelos, Darcy passou a costurar belos turbantes para vender ao público feminino da capital federal. Virou moda.

Além disso, criava fórmulas variadas de cremes à base de pepino, nata de leite, chuchu e maissena. O esfoliante era feito com fubá. Assim foi enveredando para o ramo da beleza. Foi a primeira representante da Avon na Cidade Livre. Hoje é proprietária da clínica de estética Maison Darcy Bicalho. "Todo mundo trabalhava muito naquele tempo, mas ganhava bastante dinheiro também. Todo esforço valia a pena quando víamos Juscelino caminhar entre nós, abraçando a todos. Era um homem diferente, despertava comoção nas pessoas", lembra Darcy, candanga que construiu uma história de sucesso junto com a da própria capital federal.



## A cidade de cada um

Se cabem várias cidades dentro de Brasília, também é possível fazer de Brasília várias cidades imaginárias. Como "Braxília", a utopia imaginada pelo poeta Nicolas Behr:

**dedico este canteiro de obras, este jardim-operário, aos esquecidos de Deus que construíram esta cidade de Brasília e que, um dia, construirão comigo, em sonho e sem dor, a cidade de Braxília**

(Nicolas Behr, do livro *Poesília: poesia pau-brasil*, Brasília, LGE Editora, 2002)